

# Universalidade e atualidade do pensamento político de Camões

A consagração de Camões como cantor dos feitos pátrios, conquanto altamente justa, não lhe asseguraria, no curso do tempo, renome universal. Dêsse ângulo, a perspectiva de sua obra, por mais alevantada e sóbria, só lhe garantiria a presença espiritual, permanente e radiosa, nos limites da nacionalidade, e na esfera de convivência da gente portuguesa.

O canto épico, ainda que assinaladamente vigoroso e objetivo, não empolga, por seu conteúdo específico, o domínio do pensamento geral. Somente o

atinge, de modo marcante, se o relêvo das circunstâncias particulares celebradas é recortado por traços vivos de aspirações humanas, superiores a quadros territoriais definidos. Destituído dessa substância, que valoriza a existência do homem, o poema épico expressa o sentimento nacional e serve à pesquisa dos estudiosos, na investigação dos gêneros literários e de suas variações. Falta-lhe, contudo, o substrato ideológico que mantém atuais e vivas, acima das limitações de tempo e de lugar, as criações do pensamento.

Certo, o canto n'*Os Lusíadas* é de contextura singular. Modela-o um estilo grandiloquo e corrente. Enriquecem-no de episódios, de comparações históricas, de erudição mitológica, os fulgores da cultura renascentista, tão grande em Camões.

Comove a história do sofrimento e da morte de Inês de Castro, com

As lembranças que na alma lhe mo-  
ravam  
Eram tudo memórias de alegria.

Tem grandeza apocalíptica a concepção do Adamastor, aquela figura

... robusta e válida  
De disforme e grandíssima estatura,

ameaçando as "atrevidas" naus

Com ventos e tormentas desmedidas,  
até que

... c'um medonho chôro  
Súbito d'ante os olhos se apartou;  
Desfez-se a nuvem negra, e c'um so-  
noro  
Bramido muito longe o mar soou.

Causa espanto o vigor de imaginação e de apreensão da realidade com que o Poeta descreve a tempestade, a "grande e súbita procela", cuja violência indicava

Cair o céu dos eixos sôbre a terra.

O retrato da Ilha dos Amôres é de insuperável lirismo.  
Aqui,

Mil árvores estão ao céu subindo,  
Com pomos odoríferos e belos.

Ali,

Ao longo da água o níveo cisne canta.

Além,

... os fortes mancebos, que na praia  
Punham os pés, de terra cobiçosos,

fazem caça às Ninfas fugidias. A uma delas, Efire, "exemplo de beleza", Leonardo dirige a aflitiva súplica do amor insatisfeito:

Não canses, que me cansas: e se  
queres  
Fugir-me, por que não possa tocar-te,  
Minha ventura é tal que, inda que  
esperes,  
Ela fará que não posso alcançar-te.

Tôdas essas, como tantas outras que poderiam ser invocadas, são estâncias de primoroso tecido, resistente aos preconceitos de escolas.

O singular esplendor dêsses versos, entretanto, despertará sempre o interesse, apenas, dos homens de letras. Di-lo, ou o confirma, a história da literatura, nesses quatro séculos de exame e de crítica d'*Os Lusíadas*. O sentido estético dessas estrofes áureas não imprime ao poema, como não o faz seu conteúdo puramente épico, a marca indelével que grava na memória comum a vinculação entre a vida, com suas contradições, e a poesia, como instrumento que surpreende, define ou combate os erros da sociedade.

Essa identificação da inteligência criadora com a realidade é que prestigia o pensamento no consenso geral e lhe assegura atualidade indefinida.

A característica dos tempos reveste de colorido diferente essa relação, mas a natureza do fato é a mesma. É que não há época, povo ou geração em que o bem seja propriedade coletiva, varridos os preconceitos, as desigualdades e os sofrimentos. A felicidade e a desventura se defrontam com a constância de forças irremissivelmente contrapostas. Artur de Sales — a cujos méritos a Bahia ainda não prestou a justiça devida — interpretou o fenômeno com admirável sensibilidade e exato espírito crítico:

Correi a terra e olhai: de extrema a  
extrema  
Haveis de ver uma alegria infinda  
Cantando ao lado de uma dor suprema.

O trabalho intelectual, pois, para ser expressivamente influente, deve exaltar a alegria conquistada com nobreza e condenar a dor produzida por desumana convivência. Se de urdidura diversa, é obra efêmera, pálida, ou sem repercussão social.

Camões soube exercer, com superioridade sobre seu tempo, essa árdua tarefa do espírito culto. Tendo apurado o gênio no estudo, pôde abrir claridade de alvorada no seu pensamento. Tendo sido exilado e submetido a “trabalhos nunca usados”, que o “deitaram” em “duro estado”, pôde fixar, pela expe-

riência do sofrimento, juízos fundamentais a propósito de problemas humanos relevantes.

Foi, ao mesmo tempo, épico e universalista.

Louvou as glórias de Portugal, cujo povo audacioso procedia, em lutas cruéis,

Como a quem já não dói perder as  
vidas.

Definiu e conceituou questões gerais diversas de teoria política. Sobre a independência do homem e a liberdade de pensamento. De defesa do indivíduo e de organização dos governos. De distribuição e uso das riquezas. A propósito do trabalho como alicerce da liberdade. A respeito da idéia de lei e da forma de sua aplicação. Em torno do espírito público. Repetidamente criticou, até mesmo, os desvios da Pátria. O vigor de suas idéias, opostas ao medievalismo, se afirmou

Removendo o temor do pensamento,  
como

Depois de procelosa tempestade,  
Noturna sombra e sibilante vento,  
.....  
Aparta o sol a negra escuridade.

Há um sentido de objetiva e lúcida universalidade na estrutura do poema. Como observa Gaspar Simões, “se *Os Lusíadas* são um poema eminentemente nacional, porque cantou as glórias de uma nação, também são um poema universal, porque exprime a eterna ilusão da pró-

pria vida: quer de um homem, quer de um povo”.

Geralmente, porém, as idéias políticas de Camões não têm tido relêvo correspondente a seu significado sociológico. A preocupação literária de enaltecer o poeta épico e o lírico reduz, comumente, a perspectiva de seu pensamento político. Mesmo os que o assinalam, em regra, generalizam tanto que as diferenças necessárias são eliminadas pela indeterminação do universal, ou prejudicadas por falta de pormenorizado exame crítico. Outras vezes, a exegese meramente histórica, e não polêmica, ainda em trabalhos especializados, perturba a fixação das teses, que o poema envolve.

Em 1910, “Um Curioso Obscuro”, que se diz ser Sr. Aires de Gouveia, Arcebispo de Calcedônia, pondera, justamente, que “o estudo profundo, racional, proveitoso dos *Lusíadas*, sob o aspecto social e prático, ainda está por fazer”. E não se fez por inteiro, até agora. Tanto que, em livro de 1959, Jorge de Sena, português como Camões, acentua que “buscar-lhe a originalidade e não o circunstancial de seus aspectos; determinar-lhe, portanto, o intrínseco valor e os estranhamente sempre atuais motivos da sua perenidade — são prementes exigências da cultura nacional e da consciencialização universal que toda a cultura implica”. Ao mesmo passo, tentando revelar a dialética de Camões, assevera

que sua originalidade reside em “ter sido, imparmente, o poeta da própria essência da vida humana, do próprio drama do fluir do pensamento”.

No Brasil, Pedro Calmon estudou “O Estado e o Direito n’Os *Lusíadas*”, mais voltado para o esclarecimento histórico do que para a controvérsia de princípios. Miguel Reale, por sua formação filosófica, extremou pontos essenciais do pensamento político de Camões. A necessidade de “espontâneo esforço conjugado de reis e súditos”, diante da decadência do povo luso. A convicção de que “o monarca não se podia ter em conta de dono de haveres e consciências, mas antes devia preferir ser amado como “rei e companheiro”. A virtude do Príncipe como condição de obediência dos súditos. A formulação de “leis iguais”. O respeito à “severa austeridade” do governô. A crença na dignidade do hemem.

O poema revela, no particular, riqueza inesgotável, que talvez ainda seja explorada pelo Professor Hernani Cidade, a cuja esclarecida pertinácia já se devem largos estudos sobre o pensamento lírico e épico de Camões.

Mas, enquanto essa pesquisa não se traduz no ensaio minucioso, ou na obra de tomo, é oportuno retrazar as diretrizes do Poeta.

Num mundo batido por tantos conflitos, aos quais não escapam os valores da personali-

dade humana, o exemplo de uma altiva inteligência desperta e restaura energias.

Camões, perseguido e desafortunado, não conspurcou seu espírito com a baixezza da lisonja aos poderosos.

Nobrememente advertiu:

Nenhum ambicioso, que quisesse  
Subir a grandes cargos, cantarei.

Sòmente louva a fama dos que  
a adquirem pelejando:

Não encostados sempre nos antigos  
Troncos nobres de seus antecessores  
.....  
Mas com buscar co'o seu forçoso braço  
As honras, que êle chame próprias  
suas

Ainda os que se alçam à justa  
fama, não devem sobrepor a ostentação à humildade. Por isso, aconselha ao Príncipe:

Inclinaí por um pouco a majestade  
Que nesse tenro gesto vos contemplo  
.....  
Os olhos da real benignidade  
Ponde no chão .....

Êsse conselho sereno transforma-se, contudo, dentro do mesmo sentimento de bondade, em rude advertência, para coibir o abuso:

Parece de selváticas brutezas,  
De peitos inumanos e insolentes,  
Dar extremo suplício pela culpa,  
Que a fraca humanidade e Amor  
desculpa.

Não é só o sentimento de bondade, entretanto, que inspira essa apóstrofe. A condenação

dos arestos rígidos se robustece na idéia firme de resistência à iniquidade e à tirania, porque

Isto fazem os reis, cuja vontade  
Manda mais que a justiça e a verdade.

E tanto aí se implanta uma concepção da vida, que o Poeta exclama, no apêlo às nações cristãs:

... não queirais louvores arrogantes  
De serdes contra os vossos muí possantes

Cumpra evitar, todavia, com segurança, o arbítrio. Aspira, assim, que o Reino floresça, como no tempo de Dom Diniz,

Em constituições, leis e costumes.

Por sua vez, o florescimento legislativo propugnado deve ser caracterizado por uma ordem normativa de equilíbrio entre o govêrno e a comunidade. Porque é censurável que

Leis em favor do Rei se estabelecem,  
As em favor do povo só perecem.

Não basta, no entanto, que a lei tenha sentido liberal. É imprescindível que seja justa, equânime. Êste o motivo por que o Poeta recomenda aos que perseguem a glória:

dai na paz as leis iguais, constantes.  
Que aos grandes não dêem o dos pe-  
quenos  
Dê-se a cada um o que lhe fôr devido.

No lastro humano dessas idéias repousa — e não podia deixar de repousar — a condenação à

influência perniciosa do dinheiro. Aqui, o ousado vate, que miséria experimentou, condena, com ódio e malícia, o "metal luzente e louro", que

Faz traidores e falsos amigos

... a mais nobres faz fazer vilezas  
E entrega Capitães aos inimigos:  
... corrompe virginais purezas,

... deprava às vèzes as ciências.  
Os juízos cegando e as consciências.  
... interpreta mais que subtilmente  
Os textos, ... faz e desfaz leis;  
... causa os perjúrios entre a gente,  
E mil vèzes tiranos torna os Reis  
Até os que só a Deus Onipotente  
Se dedicam, mil vèzes ouvireis  
Que corrompe êste encantador, e

lude;  
Mas não sem côr, contudo, de virtudes

Aí está, com a precisão de um sísmógrafo, rastreado o fenômeno da corrupção pela cobiça do dinheiro. É história e interpretação política e social em versos. A verdade que retratam corresponde à conclusão dos historiadores. Hayes, por exemplo, em sua *História Política e Cultural da Europa Moderna*, salienta que "não só os príncipes e os magnatas do comércio se moveram, em princípios do século XVI, impelidos por uma ambição não-cristã de dinheiro e poder, prazer e luxo, senão também numerosos bispos e abades, e outros clérigos".

O espírito objetivo do Poeta atinou, porém, em que não há corretivo eficiente dos males sociais, se a constituição dos governos foge a austero critério de seleção. A começar pelo chefe, pois o povo

A Rei não obedece, nem consente,  
Que não fôr mais que todos excelente

E a prosseguir pelos auxiliares. Por isso lembra

... quanto deve o Rei que bem governa  
De olhar que os conselheiros, ou privados,  
De consciência e de virtude interna  
E de sincero amor sejam dotados!

Sincero amor, na linguagem do Poeta, significa, antes de tudo, espírito público. Nêle inspirado e guarnecido, o homem de Estado deve conservar-se atento à influência blandiciosa dos que o circundam. Do contrário, pode ocorrer-lhe, como a Sancho II aconteceu, que, de governar o Reino,

Por causa dos privados foi privado,  
Porque, como por êles se regia,  
Em todos os seus vícios consentia.

Quem governa, pois, há de permanecer vigilante, sem descuido, aos que

Amam sômente mandos e riqueza,  
Simulando justiça e integridade.

Ninguém deve obter vantagens ou triunfo através do esforço alheio. Ao pretendente à fama cabe despertar

... do sono do ócio ignavo,  
Que o ânimo de livre faz escravo.

Como se vê, nessas expressões de inexcedível arte poética, modeladas, embora, no estilo da época, repercutem anseios de justiça, de proteção social do homem, de democratização da

vida, de prestígio do indivíduo pelo trabalho, de organização do govêrno, que escaparam ao interêsse ou à sensibilidade de muitos contemporâneos de Camões, e em nenhum dêles se projetaram com tanto vigor. Nelas se condensam, a bem dizer, problemas de disciplina da vida social, constitutivos, hoje, de preocupação do mundo da cultura e da ordem política.

Enfim, de tôdas as grandiosas estrofes resplendem claros princípios de doutrina política. Não apenas claros: válidos princípios.

O individualismo, mesmo, não tem, aí, a índole extravagante que Jorge de Sena aponta em Bernadim Ribeiro. Ao contrário: a defesa do indivíduo como homem, o cuidado de preservá-lo da exploração econômica, o combate à cobiça, o zêlo pela honrosa formação do govêrno, são elementos, entre outros, que conferem à ideologia de Camões vigoroso sentido de renovação política e social.

Miguel Reale distingue entre o individualismo que todo se desenvolve verticalmente "a partir do indivíduo" e "o individualismo das comunidades concretas, em que os homens se unem a serviço de uma Idéia diretora". "Foi êsse tipo de individualidade", — acrescenta — "que Camões glorificou em seu poema, cantando, ao mesmo tempo, a coletividade a que todos serviam, servindo à humanidade pela revelação de novos valores vitais".

Aceite-se, ou não, essa classificação formal do individualismo, certo é que não pode ser negado, pelo visto, o caráter coletivista e universal do pensamento de Camões, em vários passos de sua obra principal. O que o empolga não é o homem como unidade isolada, dispersa, egoísta, mas o ser integrado no conjunto da vida associada. A elite que defende não é a da fortuna, mas a que sabe dirigir com espírito democrático. "Ninguém como êle, se vivesse hoje", — assinala Antônio Sérgio — "condenaria, provavelmente, as muitas falsas democracias, os muitos falsos parlamentarismos, os vários exemplos contemporâneos de liberalismo abstrato e capitalista, que dão aos grandes o dos pequenos e que não pagam o suor da servil gente".

É nisso, aliás, que reside a essência mantenedora da perenidade de sua fôrça criadora. Justo porque, nessa singularidade, seu pensamento, avançando sobre a cultura quinhentista, se harmoniza com as solicitações humanas de hoje, no que elas encerram de mais universal, que é o horror à opressão e às desigualdades sociais.

Correto, pois, é o julgamento de Pedro Calmon: Só na aparência Camões seguiu Platão; porque o seu objetivismo "foi aristotélico".

A diversidade do estílo, comparado com a da poética moderna, dificulta, sem dúvida, a interpretação. Não obscurece, entretanto, os reflexos de sua

prodigiosa criação. Não advém do estilo camoniano a razão maior de desconhecimento de sua obra pelo povo, e até por doutôres. Resulta do sistema com que o ensino, pretendendo expô-lo, o exclui da simpatia e do interesse dos homens de estudo. Pode repetir-se, aqui, a referência de Gaspar Simões a Portugal: "Entre os que fomos obrigados a analisar as orações, muitos haverá até que terão suposto Camões o inventor dêsse instrumento de suplício — a análise sintática.

"A êsse defeito de formação cultural alia-se o de interesse exagerado pelo conteúdo épico e lírico do poema, ocultando-se ou subestimando-se o acervo de suas idéias políticas gerais.

"A valorização crescente da poesia, porém, como forma literária de combate aos desacertos sociais, abre oportunidade à revisão e à renovação dos estudos camonianos. Note-se que Camões é produto do "ambiente

português de quinhentos, onde — segundo o testemunho de Hernani Cidade. — não tinha repercussão a agitação político-religiosa que abalava a Europa e nela acenderia a polêmica jurídico-teológica sobre a origem do poder real e direitos relativos do soberano e dos súditos".

Não obstante, *Os Lusíadas* são um poema vivo, enérgico, apaixonado e polêmico, envolvendo franquias do homem e prerrogativas do Estado.

Trata-se, portanto, de uma fonte fervente, onde o crítico, ou o ensaísta,

As velas manda dar ao largo vento,

para colhêr e disciplinar a tempestade de idéias.

O que resta, em suma, é estudar e explicar adequadamente Camões. Para torná-lo mais lido, e, em consequência, popular. Realizada essa tarefa, seu pensamento político se integrará no espírito coletivo.

JOSAPHAT MARINHO